

O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS
DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE

2010

VOLUME I

ARTIGO PDE 2010: INTERESSE, PARTICIPAÇÃO E COMPROMISSO DOS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

Autora: Silmara Aparecida Valério¹

Orientadora: Mary Sylvia Miguel Falcão²

RESUMO

O presente trabalho pretende discutir a questão da falta de interesse, participação e compromisso dos alunos em relação aos estudos, no Colégio Júlio Mesquita situado no município de Curitiba – Paraná. O estabelecimento de ensino apresenta altos índices de reprovação, principalmente na primeira série do ensino médio. O problema que se defronta a escola está, entre outros, na falta de reorientação das práticas pedagógicas de modo a favorecer o aprendizado dos jovens. O tradicionalismo somado á falta de percepção dos sujeitos da escola tem possibilitado o aumento da evasão escolar, assim como desestimula o interesse dos alunos em relação ao conhecimento. Segundo Paro, a reprovação escolar é a principal causa da evasão, e a reversão dessa situação exige que o elemento da estrutura da escola básica deixe de ser a reprovação para ser o aprendizado. Já para Vasconcellos a reprovação é fator de discriminação e seleção social, de distorção do sentido da avaliação e pedagogicamente custo social. Neste sentido, o objetivo da pesquisa é discutir algumas questões associada às práticas docentes. Os resultados demonstram que o interesse dos alunos não é do conhecimento da maioria dos professores tão pouco contemplados nas práticas docentes. A escola pode de algum modo interferir com relação ao interesse dos alunos? Como estabelecer vínculos com os alunos levando em conta o desejo de aprender?

Palavras-chave: Interesse dos alunos; evasão escolar; falta de participação.

¹ Especialista em Gestão de Ensino – PUC/PR. Atua no Colégio Estadual Júlio Mesquita.

² Professora Doutora do Departamento de Educação da UNESPAR- Campus Paranaguá

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta considerações sobre o período de transição do ensino fundamental e médio e as suas consequências nos resultados do processo ensino e aprendizagem, que foram levantadas a partir pesquisa de campo diretamente com os alunos, no processo de implementação do Projeto de Intervenção na escola e discussões realizadas no GTR – Grupo de Trabalho em Rede, no segundo semestre de 2011. Observa-se que ocorre um baixo rendimento do aluno na transição do ensino fundamental para o ensino médio, onde os alunos apresentam pouco compromisso e estímulo durante o ano letivo. Os dados coletados demonstram uma situação alarmante, pois a cada quatro turmas do 1º ano, apenas três passam para o 2º ano.

O objetivo deste estudo foi analisar como a falta de interesse e motivação interfere no baixo rendimento e nos índices de reprovação na primeira série do ensino médio, portanto buscou-se compreender as causas que estão presentes na sala de aula, que levam a indiferença do aluno frente à aprendizagem e as possíveis formas de minimizá-las. Nesse sentido, foi necessário apresentar o perfil do aluno do ensino médio como forma de sensibilizar o grupo de trabalho da escola, procedendo ao levantamento dos problemas enfrentados com relação a falta de interesse e participação dos alunos nas aulas que ensejassem novas formas de elaboração de instrumentos avaliativos visando intervir na relação entre os sujeitos e nas práticas escolares.

A metodologia utilizada foi a pesquisa-ação. Essa metodologia compreende ação-reflexão-ação. E os procedimentos da pesquisa-ação foram: Diagnóstico, Ações, Avaliação e Reflexão. Foi desenvolvida pesquisa de campo no colégio Estadual Professor Julio Mesquita, com vistas a coletar dados referentes às condições de trabalho pedagógico, perfil dos alunos, condição sócio econômico, formação continuada dos professores e do diretor escolar, numa perspectiva de conhecer a comunidade escolar e assim, buscar ações que interfiram positivamente na diminuição dos índices de reprovação no ensino médio. A intenção foi buscar na pesquisa de campo quais são as interferências do desinteresse dos alunos no cotidiano da escola. Também ocorreu pesquisa bibliográfica com o objetivo de

discorrer sobre a importância de conhecer os sujeitos do ensino médio, a finalidade do ensino médio e o perfil dos alunos do ensino médio, trazendo a discussão sobre a identidade do ensino médio brasileiro e qual é a importância de desenvolver ações que integrem a escola na comunidade local.

O texto apresenta no primeiro momento os objetivos gerais e específicos que organizam o estudo, a metodologia utilizada (pesquisa-ação), e seções que foram estruturadas para garantir o debate sobre as questões relevantes sobre o tema pesquisado: O Ensino Médio a sua importância como etapa final da educação básica, Reprovação escolar, Relação Professor - Aluno e Grêmios Estudantis. No decorrer do texto é possível identificar gráficos com os resultados da pesquisa de campo que foi realizada no Colégio Estadual Júlio Mesquita.

A pesquisa de campo foi realizada na comunidade escolar que é caracterizada, em sua maioria, por famílias advindas da classe média e média baixa, cuja renda oscila de um a três salários mínimos, Ambos, pai e mãe trabalham fora. Os alunos residem na Zona Urbana de Curitiba, nos bairros próximos do Colégio, Jardim das Américas, Cajuru, Jardim Botânico e Uberaba.

Sabendo que é na sala de aula que se desenvolve grande parte das atividades escolares dos alunos e as práticas educativas dos professores. Com a clareza de que professor e aluno estão reunidos intencionalmente com a finalidade específica de ensino-aprendizagem, qual é o problema? Porque a interação entre professor e aluno acaba originando mal-estar? Como podemos resolver estes problemas?

Diante dessa realidade o Colégio Estadual Professor Júlio Mesquita tem exibido altos índices de reprovação chegando a 30% nas séries do Ensino médio. O problema que se defronta escola está, entre outros, na falta de reorientação das práticas pedagógicas de modo favorecer o aprendizado dos jovens. O tradicionalismo somado à falta de percepção dos sujeitos da escola tem possibilitado o aumento da evasão escolar, assim como desestimulado o interesse dos alunos em relação ao conhecimento. Partindo desse pressuposto, apresentam-se algumas questões norteadoras do trabalho que são elas: A persistência dos altos índices de reprovação nos primeiros anos do Colégio Estadual Professor Júlio Mesquita podem estar associados às práticas docentes? A escola pode de algum modo interferir

estimular o interesse dos alunos? Como estabelecer vínculos com os alunos levando em conta o desejo de aprender?

Partindo do pressuposto de que a reprovação escolar é um dos fatores que mais tem contribuído para as preocupações com a educação, tomamos como referência Paro (2001) que define a reprovação como: Principal causador da evasão. Paro é defensor da não reprovação escolar. Na reprovação só aluno é considerado culpado, como se tudo dependesse dele. Seu esforço sua inteligência, sua vontade. Para que então serve a escola?

Em relação à reprovação escolar percebesse que ela sequer tem o propósito de corrigir os rumos da escola, mas somente separar os que podem e os que não podem continuar na próxima série. Ou seja, geralmente o que acaba ocorrendo é que os alunos reprovados repetem o mesmo processo no ano seguinte, com o mesmo professor e o que é mais sério, com a utilização dos mesmos métodos e recursos do ano anterior.

Refletindo sobre a prática no interior da escola, observa-se que os melhores resultados no processo educacional ocorrem quando a avaliação é realizada no próprio curso da ação, ou seja, continuamente. Nesse processo, as ações e decisões vêm sendo alimentadas permanentemente, sendo possível a correção dos rumos e superação dos problemas detectados. Portanto, o presente estudo torna-se pertinente, dada à importância do ensino médio na inserção no mundo do trabalho e pelas escolhas que os adolescentes irão fazer nessa etapa.

Diante dos problemas levantados da reprovação, falta de interesse e participação, e sendo o primeiro ano uma fase de transição do Ensino Fundamental para o Médio; cabe a escola repensar no que tem contribuído para esta realidade e estudar possíveis formas de intervenção. No colégio Estadual Professor Julio Mesquita o número elevado de reprovações na primeira série do ensino médio é preocupante, pois a cada quatro turmas do 1º ano, apenas três passam para o 2º ano. Em 2010 dos 142 alunos que cursaram o 1º ano, apenas 98 foram aprovados. Neste sentido, a pesquisa procurou investigar os aspectos que interferem no cotidiano escolar desses alunos que tem a escola como a única possibilidade de emancipação social.

O Ensino Médio e sua importância como etapa final da Educação Básica

Desde a LDB 9394/96, que definiu o ensino médio como etapa final da Educação Básica, iniciou um intenso debate educacional sobre a importância desta etapa de ensino na formação integral do jovem brasileiro. Várias questões foram levantadas sobre qual é o real papel do ensino médio, de um lado a preparação imediata de jovens para ingressarem no mercado de trabalho e de outro a preocupação de formar um cidadão crítico, reflexivo com condições de analisar e intervir na sociedade na busca da emancipação.

Para Ramos, o ensino médio não deveria formar técnicos especialistas, mas sim politécnicos.

Politecnia diz respeito ao “domínio dos fundamentos científicos das diferentes técnicas que caracterizam o processo de trabalho moderno” (Saviani, 2003 p.40). Nessa perspectiva, o ensino médio deveria se concentrar nas modalidades fundamentais que dão base à multiplicidade de processos de técnicas de produção existentes. Portanto o ideário da politecnia buscava romper com a dicotomia entre a educação básica e técnica, resgatando o princípio da formação humana em sua totalidade. Em termos epistemológicos e pedagógicos, esse ideário defendia um ensino que integrasse ciência e cultura, humanismo e tecnologia, visando ao desenvolvimento de todas as potencialidades humanas (RAMOS, 2005, p.236).

Na perspectiva da formação expressa na citação acima é possível perceber que o ideal seria desenvolver todas as potencialidades humanas de forma integrada, ou seja, pensar um currículo que integrasse os conhecimentos científicos e tecnológicos respeitando a vivência deste sujeito no que se refere a cultura e a sua constituição.

O Ensino Médio, conforme a LDB 9394/96, tem função de consolidação da Educação Básica e deve ser pensado como um período de aprofundamentos dos conhecimentos científicos proporcionando aos jovens condições de continuar seus estudos – ensino superior, ou de se inserir no mundo do trabalho. Mas o Ensino Médio ainda não cumpre essa função e o que se pode perceber é o jovem não acredita na importância do Ensino Médio, não vê essa etapa de ensino fundamental para o seu desenvolvimento.

Em face disso, na construção das novas perspectivas,

É preciso que o ensino médio defina sua identidade como última etapa da educação básica mediante um projeto que, conquanto seja unitário em seus princípios e objetivos, desenvolva possibilidades formativas que contemplem as múltiplas necessidades socioculturais e econômicas dos sujeitos que o constituem – adolescentes jovens e adultos –, reconhecendo-os não como cidadãos e trabalhadores de um futuro indefinido, mas como sujeitos de direitos no momento em que cursam o ensino médio (RAMOS, 2004, p. 41).

Os sujeitos do Ensino Médio: Juventude

Dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) apresentam que apenas 50% dos jovens brasileiros de 14 a 17 anos estão cursando o Ensino Médio. Isso representa dizer que os sujeitos do Ensino Médio 50% dos jovens brasileiros estão em distorção idade série ou estão fora da escola. Para estabelecer políticas educacionais se faz necessário entender quem é esse jovem, quais são suas expectativas com relação ao ensino médio, se são alunos trabalhadores e assim, pensar ações que realmente busque atender essa juventude.

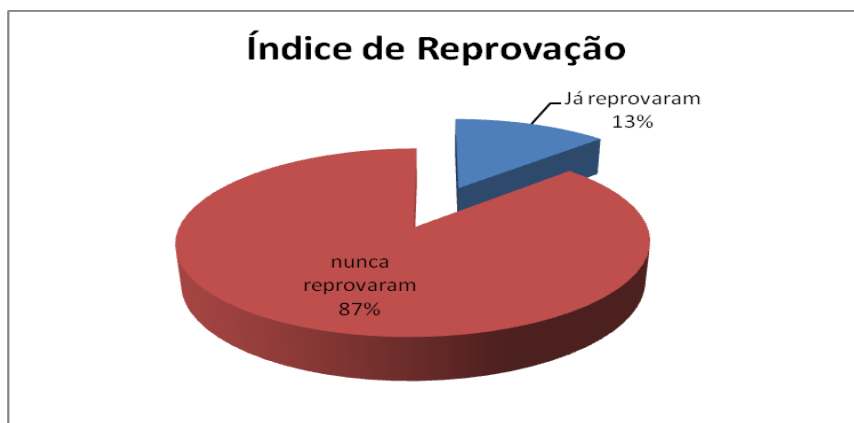
Se for analisada a situação paranaense,

É relevante lembrar que a falta de políticas curriculares para o fortalecimento da escola pública desse período, bem como a desvinculação entre a educação profissional e a educação básica, interferiram significativamente na realidade escolar paranaense. Resultou, daí, que o Ensino Médio não avançou na busca da sua identidade enquanto nível de ensino que solidifica a formação do jovem para a continuidade dos estudos e, ao mesmo tempo, a preparação básica para o trabalho, pois foi um momento de retrocesso no que diz respeito à questão curricular. (HUTNER, 2008, pg. 31)

O papel educativo da escola tem a convicção de que a reprovação em nada contribui para essa tarefa, apenas estimulando a evasão do estudante. (PARO,2001). Para eliminar o problema da reprovação, tornou-se foco de muitas discussões, reflexões e preocupações entre os educadores a possibilidade de aprovação automática.

Nos dados coletados na pesquisa de campo observamos que o índice de reprovação no ensino médio é preocupante, conforme demonstra o gráfico a seguir.

Gráfico I – Índice de Reprovação



Fonte: Questionário aplicado aos alunos do Ensino Médio - 2011

O gráfico revela que 13% dos alunos do 1º ano já haviam sido reprovados o que pode contribuir para provocar o desinteresse desses alunos pelos estudos. Entretanto, antes de tratarmos da reprovação e os motivos que levam sua prática é preciso discutir a própria avaliação, no contexto que ela se realiza. Essas preocupações deram origem à investigação aqui reportada, que teve como propósito estudar a resistência do docente a promoção de estudantes no Ensino Fundamental, procurando captar suas dimensões, discutir suas peculiaridades e identificar seus determinantes, considerando seus efeitos na produtividade da escola pública e buscando alternativas de solução para os problemas detectados.(PARO, 2001)

Para garantir que a atividade se desenvolva de modo adequado o homem precisa averiguar permanentemente se o processo está de acordo com os objetivos que pretende atingir. É nisso que consiste a avaliação, que, assim, se mostra ao mesmo tempo como algo específico do ser humano e como processo imprescindível à realização do projeto de existência histórica do mesmo. (PARO, 2001)

É bom ressaltar que a avaliação não se restringe aos procedimentos explícitos para aferir os resultados alcançados em dado estágio do processo e ou ao seu final. Pois quando se deixa para avaliar apenas no final do processo, corre-se o risco de perder os recursos e de não alcançar os resultados desejados. Desta forma desperdiçando o tempo despendido no curso da ação.

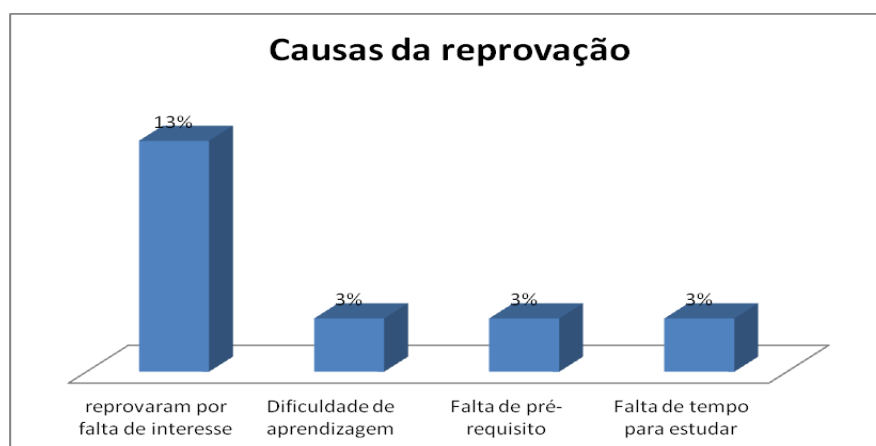
A razão de ser da avaliação educativa não é a da classificação ou a retenção de alunos, mas a identificação do estágio de apreensão e assimilação do saber pelo educando, junto com as dificuldades que esse se encontra, bem como os

fatores que determinam tais dificuldades, com vistas á adoção de medidas corretivas da ação.

Para Paro (2001), quanto maiores forem os intervalos em que se dão as avaliações, menores serão os benefícios que estas podem representar, pois maiores são as chances de que algum processo incorreto, ineficiente ou viciado tenha-se prolongado no tempo sem que ele tenha o conhecimento para que se possam tomar medidas para saná-lo. A verificação escolar, geralmente, sequer tem o propósito de corrigir rumos da escola, mas apenas separar os que podem e os que não podem continuar na próxima série.

Na pesquisa realizada observamos as razões apresentadas pelos alunos para justificar sua reprovação.

Gráfico II – Causa de Reprovação na visão dos alunos



Fonte: Questionário aplicado aos alunos do Ensino Médio – 2011

Observando o gráfico fica claro que os 13% dos alunos que foram entrevistados, reprovaram o primeiro ano por falta de interesse . Ainda é possível analisar que aliados a falta de interesse: 3% apresentam dificuldade em aprender, outros 3% dos estudantes apresentam falta de pré-requisito e ainda 3% relatam ter pouco tempo para estudar, conforme análise do instrumento aplicado aos mesmos.

Segundo Paro (2001) os alunos que reprovam devem repetir o mesmo processo no ano seguinte, em geral com o mesmo professor e com a utilização dos mesmos recursos e métodos do ano anterior. O absurdo consiste também em que nada se faz para identificar e corrigir o que deu errado. Trata-se a avaliação como se

fosse uma condenação onde só o aluno fosse culpado pelo fracasso. Como se do processo não fizessem parte o aluno, o professor e todas as condições em que se dá o ensino na escola.

Os processos bem sucedidos de realização de objetivos apresentam alta inclusão da avaliação no próprio curso da ação, de modo que a avaliação se faz continuamente, alimentando permanentemente as decisões e ações orientadas para a correção dos rumos e superação dos problemas detectados.

Segundo Paro (2001), na produção histórica da existência humana os homens produzem conhecimentos, instrumentos, técnicas, valores, crenças, comportamentos, tudo enfim que se configura na cultura humana. Educação é processo de apropriação da herança histórico-cultural pelo indivíduo, isto se dá com a finalidade de construir a própria personalidade, sendo crucial, a autoconsciência de seus progressos e dificuldades.

Para o autor, o desafio primeiro da didática e sua principal tarefa são levar o educando a querer aprender. Outro desafio é fazer com que o educando assimile valores que reforcem a importância de aquisição do saber, desenvolvendo dessa forma, seu interesse em ter informações a respeito de seu êxito na escola. Isso presume que o aluno adquira o hábito de desenvolver a autoavaliação. Pela autoavaliação o indivíduo torna-se autônomo de seu próprio desenvolvimento, conseqüentemente condutor do próprio destino, fazendo uso dos bens culturais que necessita para constituir-se sujeito.

Paro (2001) ressalta ainda que Quando a avaliação é apenas externa, ou seja, tradicional, feita pelo professor ou pela escola, poderá permanecer sempre dependente do juízo dos outros. Muito propício para a manipulação política e a passividade social, mas com pouco ou nenhuma contribuição efetiva para a melhoria da sociedade ou para sua própria realização individual. Porém quando o educando assimila valores que reforçam a importância da aquisição do saber desenvolve-se concomitantemente seu interesse em ter informações a respeito de seu êxito nessa instituição. Segundo o autor, de modo geral, se, no processo de desenvolvimento de sua personalidade, o educando só pode contar com a avaliação externa, feita pelos pais, pelo professor, pela escola, poderá permanecer sempre um ser dependente do juízo dos outros, muito propício para a manipulação política e a passividade social,

mas com pouca ou nenhuma contribuição efetiva para a melhoria da sociedade e para sua própria realização pessoal. (PARO, 2001)

A cultura se transmite historicamente. A educação se dá por meio da ação pedagógica.

O processo de ensino só pode considerar-se bem sucedido se logrou o alcance do objetivo. Não há ensino, se não se deu o aprendizado. Daí o absurdo em se afirmar que determinada aula (processo de ensino) é boa ou que o ensino de determinada escola é de qualidade, mas os alunos não aprendem. (Paro, 2001)

Quando a avaliação baseia-se apenas na aquisição de conhecimentos é supor uma concepção reducionista dos objetivos da educação escolar que, como atualização histórica, deve visar a apropriação de Informações.

A realização de um bom processo, na área de educação, pode aumentar as probabilidades de realização de um bom produto; então a importância da constante e adequada avaliação desse processo.

A avaliação educativa não deve ter o propósito de classificação ou retenção de alunos, mas a identificação do estágio de compreensão e assimilação do saber pelo educando, junto com as dificuldades que este se encontra, bem como os fatores que determinam tais dificuldades, com vistas a adoção de medidas corretivas da ação.

Considera-se que o ensino é ruim essencialmente porque renuncia a sua função de oferecer condições que levem o aluno a querer aprender e a ter gosto pelo saber, fazendo com que o aprendizado seja penoso, visto que fundamentado em motivações extrínsecas que nada tem a ver com a natureza desafiadora e fascinante da cultura; os poucos alunos que se resignam a estudar e a se esforçar nos estudos o fazem geralmente, não pelo valor em si do saber, mas para tirar boas notas ou evitar a reprovação. Nessa perspectiva, o motivo mais importante que nossa escola consegue oferecer para o aluno estudar, é o de se ver logo livre dos estudos evitando repetir o ano e prolongar seu martírio.

Para a imensa maioria da população escolar, o fracasso nas provas e exames está sempre presente, reforçando para o aluno essa condição tão condenada na sociedade em que vive. Outro aspecto relevante, ignorado pela escola tradicional, é que esta omite também a consideração do peso negativo desse

fracasso para a formação das personalidades dos estudantes. Como fracasso reiterado frustra e induz ao ódio daquilo que o provoca, o aluno irá progressivamente distanciar-se do ensino, enxergando cada vez mais como algo penoso do qual ele trata de se afastar. Nessa perspectiva, a escola, além de não promover o gosto pelo saber, consegue contribuir para que o aluno o evite. Isto implica que o fracasso não aparece como consequência, que é da metodologia equivocada ou das más condições que são oferecidas para professores e alunos desenvolverem seu trabalho pedagógico na escola, mas como produto da estupidez, da incompetência do próprio aluno.

Dessa maneira, o aluno, sem o senso crítico (que a escola não lhe desenvolveu) e acostumado a sua condição de inferioridade na escala social, por causa de sua origem humilde, assimila facilmente o discurso de seus mestres e de seus pais (que já passaram por processo semelhante) de que, se outros conseguem aprender, ele mesmo não o faz por desleixo ou por falta de inteligência.

Na perspectiva do aluno, as reprovações escolares provocam esses danos, já da parte da escola não deixam de se registrar consequências nocivas para os destinos do ensino.

A relação Professor – Aluno e a aprendizagem

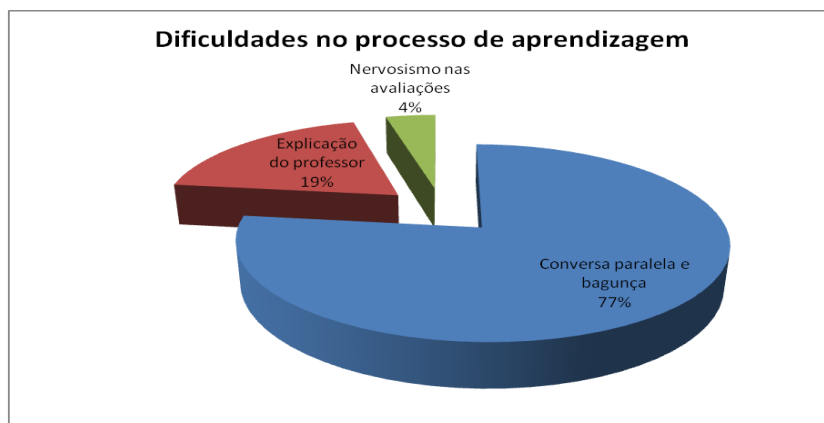
Atualmente o grande desafio pedagógico do professor está em conseguir mobilizar o aluno para a aula, despertar o gosto pelo conhecimento sem ter que recorrer à nota como forma de controle. Buscar todo possível para reintegrá-lo no processo. O professor deve ter firmeza em suas atitudes e desenvolver um clima de respeito na turma.

É necessário que o professor tenha clareza de seu papel, esteja motivado para poder motivar o seu aluno. Valorizar o conhecimento prévio que este trás.

Sem interesse, sem motivação, enfim, sem mobilização, o processo de conhecimento está comprometido, porque não são liberadas representações mentais prévias relativas ao objeto que esta em pauta para ser conhecido. Levando em conta de que o conteúdo todo da memória não esta o tempo todo disponível; Aquilo que é mais usado no cotidiano está mais disponível, já a outra parte exige

deliberação, vontade do sujeito. Geralmente, na situação pedagógica o interesse tem de ser provocado, como podemos demonstrar no gráfico a seguir sobre o que influencia negativamente o processo de aprendizagem.

Gráfico III – As dificuldades em aprender na visão dos alunos entrevistados



Fonte: Questionário aplicado aos alunos do Ensino Médio - 2011

Portanto observando o gráfico pode-se perceber que os alunos não estão interessados no conteúdo transmitido pelo professor, pois setenta e sete por cento dos entrevistados admitem que no momento da explicação ficam com conversa paralela e bagunça, o que dificulta o processo de aprendizagem, e que essa bagunça é produzida pela falta de interesse. Já dezenove por cento informam que a forma pela

qual o professor explica a matéria favorece ou prejudica a aprendizagem. Apenas quatro por cento dos alunos entrevistados relatam que o nervosismo na hora da prova acaba prejudicando o desempenho nas avaliações.

Quando se pretende criar uma atitude favorável à aprendizagem, é necessário provocar. A mobilização visa possibilitar o estabelecimento de vínculo significativo inicial entre o sujeito (aluno) e o objeto de conhecimento (conteúdo, matéria). Acordar, desequilibrar, “aquecer” a relação para que possa ocorrer mais interação: disposição de energias físicas e psíquicas para o ato de conhecer (Vasconcellos, 2002b 57).

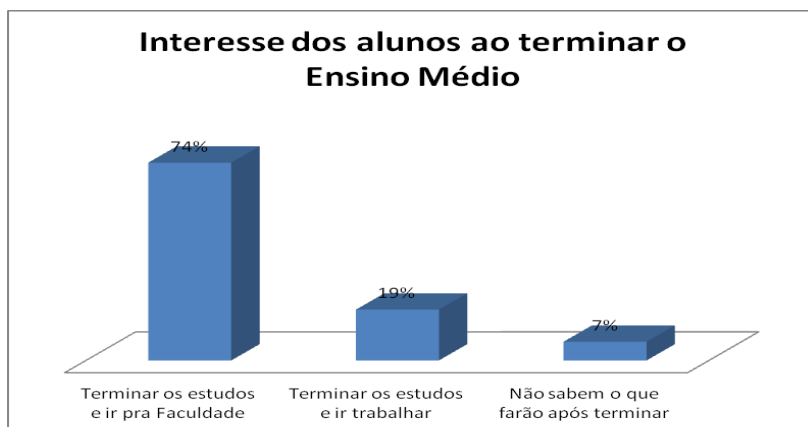
O desafio inicial do professor é tornar o objeto em questão, objeto de conhecimento para o aluno. O professor tem como tarefa pedagógica inicial de considerar o educando onde ele se encontra, no imediatismo de suas certezas (e dúvidas) e construir com ele o caminho que o conduzirá ao saber. Para Vasconcellos (2002) a mobilização tem, pois, duas funções importantíssimas no processo de conhecimento: estabelecer e manter o vínculo entre o sujeito e o objeto de conhecimento (manter sujeito na ação de conhecimento); e liberar representações mentais prévias do sujeito relativas ao objeto de conhecimento. (Vasconcellos, 2005, pg165)

Segundo estudos realizados por Paro (2001) e Vasconcellos (2002), existem dois tipos de interesses. O interesse *imediato* é aquele em que a atividade realizada tem um fim em si mesma; já o interesse *mediato* é quando o sujeito se empenha numa atividade em função de **antecipação** do resultado que faz (atividade meio). O interesse imediato pode ser associado à chamada *motivação intrínseca* ao ato de aprender (que vem de si própria). É condição, para se dar o conhecimento, durante o processo de aprendizagem, o sujeito tem de chegar à atenção investigativa sobre o objeto. Como atingir esta atenção? São múltiplas as possibilidades.

Uma das grandes perguntas dos professores é: Como interessar o aluno pela aula? Algumas vezes a mobilização pode dar-se inconscientemente no sujeito, porém não podemos considerar com certeza. Procurando compreender de forma consciente, para aumentar a probabilidade da mobilização do aluno em sala de aula o professor necessita fazer alguns questionamentos para analisar que fatores interferem nesta.

Na pesquisa de campo realizada foi possível identificar que a maioria dos alunos tem a intenção que continuar seus estudos, conforme podemos observar no gráfico a seguir.

Gráfico IV – O interesse pelos estudos na visão dos alunos



Fonte: Questionário aplicado aos alunos do Ensino Médio - 2011

Observa-se no gráfico que a maioria dos alunos entrevistados busca terminar o ensino médio para ingressar no ensino superior, setenta e quatro por cento. Já dezoito por cento dos estudantes relatam que seu maior interesse ao concluir os estudos, é trabalhar. Somente sete por cento dos alunos não sabem o que farão ao finalizar o Ensino Básico. É relevante relatar que o estudante sofre múltiplas influências que podem ajudar ou dificultar a mobilização para o conhecimento, podendo estas, advir de várias possibilidades de interação: com o professor, colegas, equipe escolar, família, meios de comunicação, igreja, trabalho, amigos.

Segundo Vasconcellos (2005), os fatores que influenciam na mobilização podem ser: **Extra-escolares:** sociedade (em geral), sistema educacional, família, etc.

Intra-escolares: sala de aula (colegas, professor), escola (direção, coordenação, orientação, funcionários, outros professores).

Em termos de mobilização o ideal é que cada segmento faça a sua parte, articule parcerias, pressionem os que se omitem, enquanto luta para mudar as estruturas.

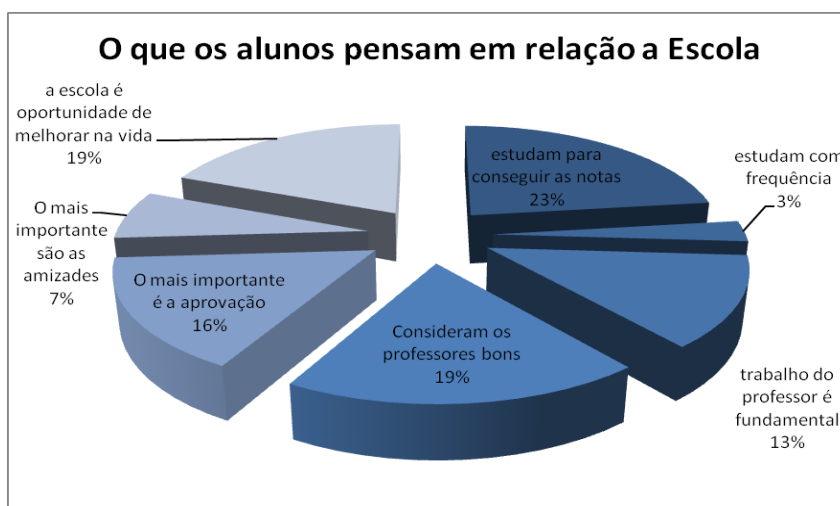
São tantos os problemas que o professor enfrenta, no entanto algumas iniciativas que podem ajudá-lo no complexo processo de mobilização. Através de suas aulas o professor pode propiciar elementos para os alunos significarem as experiências negativas que estão tendo fora da sala de aula (justamente estas vivências que costumam ser o motivo das queixas dos professores).

A tarefa não é simples. O problema do professor não é apenas ter uma “plateia animada”, disciplinada, enfim sua tarefa não é entretenimento. Embora o professor deva fazer o máximo para que suas aulas sejam agradáveis, interessantes a questão fundamental não é esta, ou seja, tal empenho é um meio para atingir um fim maior.

Então não podemos perder o foco: qual é o papel da escola? Sabemos que não é simplesmente ocupar o tempo das crianças na escola, enquanto os pais trabalham. Contudo, se entendemos que seu papel é propiciar a efetiva apropriação dos conhecimentos, então deveríamos nos preocupar em saber se além de “entretêr”, de conseguir a “atenção” dos alunos, houve aprendizagem.

Na pesquisa de campo observou-se que os alunos possuem compreensões diversas com relação ao papel da escola. Muitos apresentam a escola como uma possibilidade de fazer amigos, outros que querem apenas tirar boas notas para prosseguir os estudos, outros acreditam que a escola é uma possibilidade de melhorar de vida. E alguns colocam o professor como um elemento fundamental para o processo de aprendizagem. Segue o gráfico apresentando as questões acima relacionadas.

Gráfico V – O que os alunos entrevistados pensam sobre a escola



Fonte: Questionário aplicado aos alunos do Ensino Médio – 2011

O gráfico apresenta alguns elementos importantes quando falamos sobre a mobilização e interesse dos alunos em relação a escola. Os alunos entrevistados consideram que os professores bons são fundamentais para mobilizar e incentivá-

los e que o trabalho do professor é fundamental (13%). Dezenove por cento dos entrevistados consideram que a escola é uma possibilidade de melhorar de vida. E 16% consideram o mais importante é a aprovação e por isso estudam para conseguir as notas (23%). É possível interpretar que praticamente 40% dos entrevistados consideram que a conclusão dos estudos é o mais importante.

Em determinados momentos ouvimos as seguintes colocações: “A mobilização para o conhecimento não depende só do professor”; “Não é justo ficar só nas costas do professor”. São tantos os motivos que afetam a aprendizagem, porém isto não deve servir de motivo para a acomodação, ou seja, para atribuir as responsabilidades pela falta de mobilização dos segmentos, enfim, o professor deveria ter certeza de estar fazendo tudo o que está a seu alcance.

Lembremos sempre que o estudante é um ser em formação; tem de ser despertado, mobilizado: isto faz parte da função do docente. Em termos de mobilização, podemos refletir com os educadores o momento da forte crise em que vivemos, o que pede a tomada de consciência e a instrumentalização, pois agir na simples transmissão já não funciona, não da conta das novas demandas, das cobranças que os alunos fazem.

Antes de tudo, os professores que se comprometem com a mobilização dos alunos, precisam estar convencidos daquilo que estão ensinando. Há muitos professores que não sentem gosto pelo conhecimento; mandam escrever, mas não escrevem nada; mandam ler, mais não leem nada. Se estiverem fazendo algo de que não gostam, como provocar desejo no outro?

Como o professor pode mobilizar o aluno na medida em que ele não se encontre mobilizado. É absolutamente necessário no processo de construção do interesse em sala de aula o professor estar convicto do que está ensinando. Muitas vezes os professores se queixam que os alunos estão desinteressados quando esta reação pode ser projeção da falta de interesse do próprio professor.

Mais do que destacar a necessidade de o professor estar por inteiro no que faz, isto é, ensinar a todos, garantindo a aprendizagem e o desenvolvimento, as relações em sala de aula mudam substancialmente, pois tem muito mais realização e prazer na relação pedagógica; conseqüentemente os alunos passam a frequentar a escola com mais gosto.

No que diz respeito à mobilização ficou evidenciado de que não é uma prática estanque e sim, deve acompanhar todo o processo de conhecimento. Para consolidar uma nova prática pedagógica, o desafio é provocar, manter e autonomizar a mobilização. Enfim, são vários fatores que interferem no interesse do aluno. Cabe então ao professor dar sua contribuição específica e fazer todos os esforços para provocar o ambiente de mobilização em sala.

A importância do Grêmio Estudantil e o interesse dos alunos

A questão do interesse do aluno é essencial dentro do ambiente escolar. Uma das formas de provocar este interesse é estimulando para que os alunos organizem um Grêmio estudantil. É uma organização sem fins lucrativos que representa o interesse dos estudantes e que tem fins cívicos, culturais, educacionais, desportivos e sociais. O grêmio é o órgão máximo de representação dos estudantes da escola. Atuando nele, você defende seus direitos e interesses e aprende ética e cidadania na prática. Exerce um papel de participação dos estudantes em assuntos que são de seu interesse dentro e fora da Unidade escolar. Segundo Sá o grêmio funciona como um centro irradiador de ideias, ações e de união entre os estudantes permitindo ao estudante o exercício da participação e de uma cidadania ativa.

Nestes últimos anos não houve um investimento pontual na divulgação e incentivo a criação de grêmios nas escolas de Ensino Fundamental e Médio. É importante esclarecer a função e a representatividade do grêmio na gestão escolar bem como, difundir aos estudantes os objetivos do grêmio.

Há pouca divulgação sobre a necessidade de ampliação do movimento estudantil. Torna-se necessário, portanto, o incentivo da criação de grêmios através dos órgãos governamentais e não governamentais por meio de cartilhas, álbuns e cadernos com orientações detalhadas sobre os passos para a criação do Grêmio estudantil, seus objetivos e funções.

Essa divulgação é relevante pela necessidade de ampliação do movimento estudantil, como norteador à participação no contexto sociopolítico, cultural e ainda

na percepção do Grêmio como sendo irradiador de cultura e lazer, e como auxiliar para a diminuição da violência nas escolas.

A partir de diretrizes baseadas em uma ideologia de governo, o Grêmio é visto como um canal que assinala a participação, tendo em vista a democratização da escola pública.

A principal função do Grêmio é representar os estudantes diante da diretoria, como também atuar junto com professores, coordenadores e diretores. Discutir possibilidades de ação na escola e na comunidade, integração entre alunos, destacando-se a coparticipação de alunos e professores unindo-se por um mesmo ideal.

Quando o Grêmio funciona bem, é possível fortalecer a Democracia dentro da escola e tornar o ambiente escolar mais enriquecedor e interessante. Esse espaço é importante para que os alunos exercitem a participação, discutam projetos que desejam realizar nas escolas, aprendam negociar com os diretores e professores para tornar possíveis estes projetos. Debatam os problemas e as soluções para situações ocorridas na escola. Enfim o Grêmio possibilita a participação, negociação e aprendizagem na defesa de ideias, ampliando a ação estudantil e integrando-a nos grupos da escola.

Para definirmos de forma geral o Grêmio estudantil, sugere-se que o analisemos como órgão representativo dos estudantes de uma escola que tem como objetivo a participação do jovem para o encaminhamento de soluções nas problemáticas advindas do cotidiano escolar, ou ainda como elementos ativos na programação e desenvolvimento de atividades culturais e de lazer, voltadas para o seu grupo e para a comunidade.

Estas atividades tornam-se significativas, quando efetivadas com princípios de transparência e diálogo com seus pares e com as demais equipes da comunidade escolar, colaborando para a formação cidadã destes alunos, na medida em que lhes é dada condição de participação como cidadãos conscientes e voltados para o bem comum.

Conclusão

Este artigo buscou identificar os alunos do Ensino Médio e suas expectativas, bem como, levantar quais são os problemas que levam os estudantes ao desinteresse pelos estudos, os quais interferem no rendimento escolar e nos altos índices de reprovação e evasão, principalmente no 1º ano do Ensino Médio.

É possível concluir que o interesse dos estudantes está distante da sala de aula e que muitos dos mesmos não sabem como estudar. Diante desse fator, um dos aspectos que podem ser trabalhados pelo grupo docente é a sistematização dos hábitos de estudo. Vimos que muito dos alunos do Ensino Médio não tem acompanhamento familiar nos estudos e acabam apresentando maior dificuldade para estudar e até mesmo não sabem como fazê-lo.

Então uma das sugestões é propor no próprio calendário escolar uma semana destinada aos “estudos e questionamentos” da seguinte forma: cada professor trabalhará com a turma a maneira que considera mais adequada para estudar a sua disciplina e também levantará as dificuldades encontradas pelos estudantes na sua matéria. Dando dicas de como estudar, ou seja, apresentando um roteiro de estudos ao aluno para que este saiba de onde partir para saber aonde deve chegar.

A aplicação desta prática pode nos parecer lógica ou desnecessária, mas não é. Pois muitos dos estudantes apresentam dificuldade para estudar. No momento em que todos professores estiverem trabalhando o mesmo assunto na semana, no caso, hábitos de estudo, este começará a fazer parte do conhecimento, da rotina do aluno, auxiliando aos estudantes estabelecerem e desenvolverem sua própria rotina de estudos.

Nesta semana de estudos, o professor poderá fazer discussões com a turma para conhecer melhor quem é o seu Aluno e quais são os seus objetivos, ou seja, fazer um diagnóstico. Utilizar esse momento para refletir sobre os problemas, causas do desinteresse, do alto índice de evasão e de reprovação escolar. Enfim, por meio do diagnóstico da turma fazer um planejamento adequado e estimulador das suas aulas.

É necessário ainda que os profissionais da educação sejam comprometidos com seu trabalho e que não procurem transferir a falta de sucesso simplesmente na figura dos alunos. É fundamental que o professor “conquiste seu aluno”. É preciso

convencer o aluno de que aprender é um grande negócio. O estudante passa muito tempo na escola e “esquece-se” do que vai fazer lá.

Devemos ter a clareza de que trabalhamos para o aluno, somos prestadores de serviços.

Um grande desafio que nos cabe é aumentar o percentual de alunos que se interesse pela nossa prática docente entendendo que a afetividade pode ser a ponte entre professor e aluno. Pois quando o aluno gosta do professor ele tem mais chances de caminhar ao sucesso. Voltamos a questão inicial.

É preciso mudar de atitudes e construir uma figura de admiração para o aluno. E para isso é preciso: Quebrar a monotonia; Imagem do professor; Construção de credibilidade; Pontualidade; Apresentação pessoal; Conhecimento; falar de outros assuntos, de diferentes áreas, isso mostra conhecimento e rompe monotonia; Atenção ao vocabulário; Organização (nada de improvisado); Equilíbrio emocional (controlar o stress); Disposição para servir (ter boa vontade para explicar quantas vezes for necessário, tirar dúvidas).

Ao considerarmos o percurso de escolarização do estudante, desde as primeiras séries do Ensino Fundamental, certamente encontraremos ao longo de sua caminhada, fatores como: aprovação por conselho de classe, notas abaixo da média complementadas na tentativa de ajudá-lo, baixa frequência no ensino regular e também nas salas de apoio à aprendizagem quando encaminhado. Pouca participação dos pais ou responsáveis quando solicitados, inúmeros registros de que não realiza atividades durante as aulas, não faz os deveres de casa, entrega provas ou trabalhos incompletos, as saídas antecipadas em função de saúde e outros fatores.

Ao chegar no ensino médio este aluno se depara tardiamente com a defasagem de conteúdo e aprendizagem que acumulou durante as etapas iniciais e muito embora tente, não consegue acompanhar o ritmo de uma aula que requer conhecimentos prévios, fundamentais para a continuidade de estudos. Quanto aos professores, se já conhecem o histórico do aluno, talvez o conduzam mais uma vez para um avanço sem que ele tenha se apropriado dos conteúdos mínimos necessários e para dar prosseguimento aos estudos, ou o retenham na busca de proporcionar-lhe um tempo maior para se apropriar dos conteúdos.

Pedagogicamente falando é preciso realmente estar a par da situação desse estudante para então buscar uma saída juntamente com a direção e equipe pedagógica, que melhor lhe favorecerá. Seria um grande passo, se diante de expressivas reprovações pudéssemos rever nosso sistema de avaliação e passar a pontuar com maior ênfase os avanços do aluno por menores que sejam em vez de continuar procurando seus erros.

Outro aspecto a se levantar é o distanciamento entre professores e alunos do Ensino Médio. Existe uma fragilidade no relacionamento professor-aluno, motivada pelo despreparo pedagógico para enfrentar o desafio de trabalhar com um novo perfil do aluno do Ensino médio. Este perfil ao mesmo tempo apresenta um caráter questionador e irreverente, se mostra por outro lado descompromissado frente a proposta pedagógica que se lhes apresenta. Este quadro acaba por desencadear baixo rendimento escolar, levando assim ao processo irreversível de grandes índices de reprovação e evasão concentrados no primeiro ano do Ensino Médio. As grandes transformações tecnológicas contribuem significativamente para o desinteresse pela escola tal como ela está posta.

Com poucos recursos para acompanhar estas mudanças, tornando-se incapaz de atender as expectativas dos estudantes que dominam com autonomia as ferramentas necessárias, mas não encontram uma relação prática entre a tecnologia e o acesso às informações.

Considerando que os alunos do Ensino Médio já possuem certa autonomia no desempenho das atividades propostas, os professores podem solicitar aos alunos que complementem os conteúdos trabalhados em sala, buscando informações em sites recomendados para pesquisa. Estas atividades poderão ser encaminhadas por email aos professores. A integração de conhecimentos também pode ocorrer através de blogs. É preciso repensar a prática docente, pois nossos alunos estão necessitando de novas formas para se apropriar de conhecimentos.

Outro fator relevante discutido nesta etapa de ensino, é a que diz respeito ao trabalho. O Ensino Médio não esta capacitando integralmente o jovem brasileiro a ser cidadão reflexivo e crítico, que busca transformar a sociedade na qual vive. Partindo destas colocações, vê-se que o aluno do ensino médio não valoriza esta etapa, por não atender às suas necessidades de crescimento enquanto cidadão.

Uma sugestão de ação para se trabalhar no Colégio, no que diz respeito ao mercado trabalho, é convidar profissionais das diversas áreas de trabalho, através de encontros e palestras para falar aos estudantes. As escolas deveriam criar estratégias de ações motivadoras desde o Ensino Fundamental, para que os alunos perfizessem um caminho de amadurecimento, chegando ao Ensino Médio com capacidade de fazer opções conscientes enquanto cidadão.

Enfim, as escolas ainda estão muito presas aos modelos de antigamente. Os processos históricos do passado influenciam o presente, mas o retorno de políticas sistemáticas de reprovação, centradas na memorização de quando um aluno reprovava, deixava de ser um problema do professor, precisa ser superado para o resgate do interesse, expectativas e desenvolvimento integral das novas gerações.

ANEXO I

Colégio Estadual Professor Julio Mesquita

Estudo realizado no primeiro ano do Ensino Médio. Data: _____

Cite suas conquistas no primeiro ano do Ensino Médio. O que mais lhe agrada no Colégio este ano?

Qual e sua maior dificuldade em sala de aula, que prejudica sua aprendizagem?

Você tem o hábito de estudar, em casa, todos os dias? De que forma? Qual sua dificuldade?

Seu responsável acompanha seu processo de ensino aprendizagem? De que forma?

Descreva: _____

Você repetiu o 1º ano? Quantas vezes? Se já repetiu assinale os motivos:

() Dificuldade de aprendizagem; () Trabalha fora; () Pouco tempo para estudar; () Falta de interesse; () Problema de saúde; () Falta de pré-requisito; () Outros: _____

Quais as formas utilizadas pelo professor ao dar aula, em que você retém melhor a aprendizagem?

O que você pretende fazer ao concluir o Ensino Médio?

O que você pensa do Colégio?

Você sofre algum tipo de discriminação na escola? Por quem?

Referências

- BRASIL. **Lei 9394, de 20 / 12 / 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.
- PARO, Vitor. **Reprovação Escolar, renúncia a educação**. São Paulo: Xamã, 2001.
- FRIGOTTO, Gaudêncio, CIAVATTA, Maria. RAMOS, Marise. **Ensino Médio: ciência, cultura e trabalho**. Brasília: MEC, SEMTEC, 2004.
- HUTNER, M.L. **Livro Didático Público**. Dissertação Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2008.
- SÁ, Maria Carolina André Cícero. <http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/projeto/supervisão/documentos/grêmio>. Acesso em 15 de agosto de 2011
- THIOLENT, Michel, Metodologia da pesquisa-ação. 17 edição. São Paulo. Editora Cortez, 2009.
- VASCONCELLOS, Celso dos S., **Avaliação. Concepção Dialética – Libertadora do Processo de Avaliação Escolar**. Cadernos Pedagógicos do Libertad – 3 13 Edição. 2003- v.3.
- VASCONCELLOS, Celso dos S., **Avaliação da Aprendizagem: Práticas de Mudança-por uma práxis transformadora**. 11ª Edição, São Paulo: Libertad, 2005.